

Sistema Penal & Violência

Revista Eletrônica da Faculdade de Direito
Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

Porto Alegre • Volume 4 – Número 2 – p. 232-240 – julho/dezembro 2012

RESENHA

Satanás e a fundação do mundo:
Sobre a antropologia bíblica de René Girard

Satan and the foundation of the world:
About René Girard's biblical anthropology

WILSON FRANCK JUNIOR
MILTON GUSTAVO VASCONCELOS BARBOSA

DOSSIÊ CRIMINOLOGIA CRÍTICA E CRIMINOLOGIA CULTURAL

Editor-Chefe
JOSÉ CARLOS MOREIRA DA SILVA FILHO

Organização de
ÁLVARO FELIPE OXLEY DA ROCHA
JOSÉ CARLOS MOREIRA DA SILVA FILHO



Satanás e a fundação do mundo: Sobre a antropologia bíblica de René Girard

Satan And The Foundation Of The World:
About René Girard's Biblical Anthropology

WILSON FRANCK JUNIOR*
MILTON GUSTAVO VASCONCELOS BARBOSA**

RESENHA DE:

GIRARD, René. *Vejo Satã cair como el relâmpago*. Tradução de Francisco Díez del Corral. 1. ed. Barcelona: Editorial Anagrama, 2002.

Resumo

Os autores resenham a obra “Vejo Satã cair como o relâmpago”, em que seu autor, René Girard, aperfeiçoando aspectos específicos de sua teoria (mimética), dedica-se ao estudo antropológico da Bíblia e dos Evangelhos, interpretando racionalmente dados antes percebidos como sobrenaturais. Nessa investigação, o autor defende a existência de um saber bíblico sobre o homem, a violência e, sobretudo, a fundação violenta da cultura humana, que ele identifica no mecanismo vitimário, representado pela figura de Satã e que foi, na paixão de Cristo, desacreditado pela revelação da inocência da vítima expiatória, injustamente acusada e assassinada por uma comunidade escandalizada.

Palavras-chave: Teoria mimética; Violência; Fundação da Cultura; Satã; Mecanismo de bode expiatório.

Abstract

The authors summarize the book “I see Satan fall like lightning”, in which its author, René Girard, develops specific aspects of his theory (The Mimetic Theory), and is dedicated to an anthropological study of the Bible and the Gospels, rationally interpreting data previously perceived as supernatural. In this research, the author argues for the existence of an objective biblical know about the man, violence and especially the violent foundation of human culture, he identifies the mechanism victimizer, represented by the figure of Satan, which was, in passion Christ, discredited by the revelation of the innocence of the expiatory victim, wrongly accused and murdered by an outraged community.

Keywords: Mimetic theory; Violence; Foundation of culture; Satan; Scapegoat mechanism.

* Especialista em Ciências Penais (UNIDERP). Mestrando em Ciências Criminais (PUCRS).

** Mestrando em Ciências Criminais (PUCRS).

1 Sobre o autor e sua obra

René Girard (25 de dezembro de 1923, Avinhão, França) é um historiador, crítico literário e filósofo social francês. Seu trabalho pertence à tradição da antropologia filosófica. Considerado por alguns o “Darwin das Ciências Sociais”, Girard é o criador da *teoria mimética*, um conjunto de *insights* cuja originalidade lança luzes ao entendimento de questões fundamentais à compreensão do homem, como o desejo, a violência e o sagrado primitivo. Em sua primeira obra, intitulada “*Mentira Romântica e Verdade Romanesca*”, publicada em 1961, Girard formula a teoria do *desejo mimético*. Sua intuição revela que, longe de ser algo autêntico, o desejo humano é baseado no processo de imitação: o homem deseja pelos olhos de outrem. É o *outro*, tomado como modelo, quem informa ao imitador o que ele deve desejar. Devido a sua estrutura triangular, formado pelo *imitador*, *modelo* e *objeto*, o *desejo mimético* é a origem da rivalidade e violência humana. Em 1972, Girard publica “*A Violência e o Sagrado*”, em que teoriza sobre o mecanismo da vítima expiatória, o qual é compreendido como fenômeno fundador da cultura humana, do qual decorrem os mitos e o sagrado primitivo. Segundo Girard, o assassinio coletivo apazigua e restaura a ordem nas comunidades, pois a violência entre os seus membros é canalizada contra uma vítima única, interrompendo-se o ciclo de vingança que colocava todo o grupo em risco de extinção. Em seu terceiro livro, “*Coisas Ocultas desde a Fundação do Mundo*”, publicado em 1978, Girard desenvolve seu pensamento de forma total. Devido a sua abrangência, a teoria mimética pode ser desenvolvida em diversas áreas do conhecimento, como a teologia, a mitologia, a sociologia, a antropologia, a psicologia, a economia e a filosofia.

2 Sobre a obra *Vejo Satã cair como o relâmpago*

Na obra *Vejo Satã cair como o relâmpago*¹, objeto da presente resenha, René Girard, aperfeiçoando aspectos específicos de sua teoria (mimética), dedica-se sobretudo ao estudo antropológico da Bíblia e dos Evangelhos, os quais, mais do que uma teoria sobre Deus (teologia), são, em sua opinião, uma teoria sobre o homem. Girard interpreta racionalmente dados antes percebidos como sobrenaturais, e, exatamente por isso, sua leitura (mimética) amplia o âmbito da investigação antropológica, o que, de fato, enriquece o debate acerca da existência de um genuíno saber bíblico sobre o homem.

No que concerne ao conteúdo da obra, especificadamente, logo em sua primeira parte, *O saber Bíblico sobre a Violência*, Girard afirma que o desejo mimético – e a violência que dele resulta – está revelado no texto bíblico. O autor detém-se na análise dos dez mandamentos, que, em sua opinião, não representam um mero proibicionismo inutilmente repressivo – como pensa boa parte dos críticos da religião – senão que, pelo contrário, contêm uma genuína sabedoria. E isso se torna evidente na própria estrutura do decálogo, pois enquanto em sua segunda metade estão proibidas ações violentas – não matarás, não adulterarás, não furtarás, não darás falso testemunho contra teu próximo – no décimo e último mandamento está proibido o *desejo mimético* – não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo. Longe de ser algo aleatório, o lugar estratégico da proibição do desejo mimético, localizado no último mandamento, é resultado do esforço desempenhado pelo primevo legislador na tentativa de conter a violência no seio da comunidade. E a conclusão não poderia ser outra senão a de que o homicídio, enquanto o crime *par excellence*, é decorrência do ciclo de violência e rivalidade cuja gênese é o desejo de apropriar-se de tudo o que é do próximo. Não por outra razão, a proibição do desejo mimético é uma tentativa de evitar a violência generalizada, o *todos contra todos* que coloca em risco de extinção a comunidade.

Por isso, segundo Girard, a proibição do desejo é também a revelação de uma verdade sobre o próprio desejo: desejamos o que é do próximo porque somos incapazes de desejar por nós mesmos. O que há de próprio no desejo é que ele não é próprio, e sua inautenticidade decorre de uma peculiaridade: a imitação. É, verdadeiramente, o próximo quem exerce o papel fundamental na origem dos desejos, pois é ele o modelo da imitação do desejo. E ao passo que o imitador deseja o objeto que seu modelo deseja, este, ao perceber isso, deseja o respectivo objeto ainda mais intensamente, porque o desejo do seu imitador reafirma o seu próprio desejo:

El deseo mimético no siempre es conflictivo, pero suele serlo, y ello por razones que el décimo mandamiento hace evidente. El objeto que deseo, siguiendo el modelo de mi prójimo, éste quiere conservarlo, reservarlo para su propio uso, lo que significa que no se lo dejará arrebatar sin luchar. Así contrarrestado mi deseo, en lugar de desplazarse entonces hacia otro objeto, nueve de cada diez veces persistirá y se reforzará imitando más que nunca el deseo de su modelo.²

Na medida em que o modelo defende o objeto desejado pelo seu imitador, o objeto torna-se rivalizado, e o desejo de ambos, imitado e imitador, intensifica-se extraordinariamente. Quanto mais o imitador deseja pelo desejo do seu imitado, mais o imitado deseja pelo desejo do seu imitador. Eis, portanto, o nascimento da *rivalidade mimética*, a qual, uma vez instaurada, conduz, pouco a pouco, a atos de violência recíprocos entre os rivais. Destarte, essa espiral de violência conduz, necessariamente, a um ciclo interminável de vingança e represália entre os membros da comunidade, até formar-se o terrível *todos contra todos*. E se assim é, a comunidade, uma vez que contenha em seu seio a totalidade dos conflitos miméticos interindividuais, será também ela contagiada pelo ciclo mimético em larga escala – segundo Girard, essa violência e conflito generalizados é o que Jesus denomina, nos evangelhos, de *escândalo* (do grego *skándalon*). É interessante observar que, como nos diz Girard, somos todos vulneráveis de alguma maneira ou de outra ao domínio do escândalo, do mimetismo violento que contagia a comunidade. Assim o foi Pedro, quando negou Jesus Cristo; e assim o foi Pilatos, quando não impediu sua crucificação. Pedro, por estar em um meio totalmente hostil ao seu mestre, em um ambiente, a rigor, escandalizado, não conseguiu resistir à imitação dessa hostilidade: foi incapaz de não contagiar-se pelo *skandalon* que o cercava. Da mesma forma Pilatos, que, apesar de mostrar certa simpatia por Jesus, teve medo de confrontar a massa: foi contagiado por ela e por isso não impediu a crucificação.

É sobre este *ciclo de violência mimética* que trata a segunda parte da obra. A proliferação de todos os escândalos, dos desejos e rivalidades miméticas, resulta em um escândalo único, que constitui a *crise mimética*, a violência de todos contra todos. Se não contida, esta violência acaba por aniquilar a comunidade. É por isso que a massa histórica elege seu bode expiatório, a vítima que canaliza a violência do grupo e, por meio de sua morte, traz ordem à comunidade, restabelecendo a paz perdida. Assim, ao mimetismo que divide, decompõe e fragmenta as comunidades deriva então um mimetismo que agrupa a todos os escandalizados contra uma única vítima promovida ao papel de escândalo universal. A presença nos evangelhos deste ciclo mimético é confirmada por um personagem bíblico, que em Hebreu é designado como *Satã*, e que em grego recebe o nome de *Diabo*. Satã é a representação do escândalo, e quem o assim designa é o próprio Jesus: “*Pasa detrás de mi, Satán, pues tú eres para mí un escándalo.*” Satã é o mimetismo que convence a comunidade inteira acerca da culpabilidade da vítima do escândalo universal. E essa arte de convencer concerne a um dos mais antigos – e por isso mais revelador – de seus nomes: “o acusador”.

Acusador ante Dios y, más aún, ante el pueblo. Con la transformación de una comunidad diferenciada en una masa histórica, Satán crea los mitos. Representa el principio de acusación sistemática que surge del mimetismo exasperado por los escándalos. Una vez que la infortunada víctima ha quedado aislada, privada de defensores, nada puede ya protegerla de la masa desenfrenada. Todo el mundo puede encarnizarse con ella sin temor a represalia alguna.³

Com efeito, é mediante o mecanismo da vítima expiatória que toda a violência real e potencial – derivada dos inúmeros escândalos ao qual toda a comunidade se vê a enfrentar – é canalizada contra uma vítima única. E devido ao fato de que na comunidade – ao menos por ora – ninguém mais tem inimigo além dessa vítima, é por meio de sua aniquilação ou expulsão que a multidão, outrora enfurecida, torna-se enfim livre de inimigos; sente-se, ao menos por algum tempo, purificada de todo ódio, ressentimento e tensões que anteriormente a consumiam. É dessa maneira que o “*todos contra um*” mimético ou “*mecanismo vitimário*” apazigua toda a comunidade e restabelece a ordem outrora perdida. Não por outra razão, como nos diz Girard, a crucificação e o mecanismo de Satã não são de forma alguma fenômenos diferentes, são, isso sim, essencialmente idênticos, e quem torna isso explícito é o próprio Jesus, momentos antes de ser pregado à cruz: “*A hora de Satã chegou*”.

O Diabo representa, portanto, o ciclo mimético que se inicia pelo desejo, passa pela rivalidade e violência generalizada e tem seu fim no mecanismo vitimário. Satã, portanto, é o acusador, o pai da mentira, aquele que faz falsa acusação contra um inocente para injustamente condená-lo e, com isso, livrar a comunidade de toda a violência que a consome. Por conseguinte, uma vez que o Diabo é a representação do assassinio coletivo, é também o criador de todos os mitos fundadores, pois todas as comunidades e suas respectivas culturas são fundadas por este evento. O assassinio coletivo de uma vítima inocente foi o mecanismo encontrado para conter a violência que assolava toda a comunidade e que as colocava em risco de extinção. Satã, por isso, é a representação das religiões antigas, pagãs, cuja origem e base comum remontam ao primeiro derramamento de sangue de uma vítima inocente – esse é o evento fundador do mundo, desde início dos tempos. Não por outra razão, no evangelho de João, o Diabo é designado como “homicida desde o princípio”.

Na segunda parte do livro, intitulado *A solução para o enigma dos mitos*, Girard propõe uma interessante interpretação dos mitos à luz da teoria mimética. No primeiro capítulo da segunda parte, *O horrível milagre de Apolônio de Tiana*, Girard analisa um texto do século II, em que Apolônio, um conhecido guru, realiza um “milagre” na cidade de Éfeso – que estava assolada por uma epidemia. Apolônio conduz a população até o teatro da cidade, e lá, sob a estátua de Hércules, incita a todos para que apedrejem um mendigo que por ali estava. Apesar de primeiramente hesitar frente ao linchamento, a população não consegue resistir a toda violência acumulada, e sob a eloquente retórica de Apolônio, o qual acusava o mendigo pela desgraça que recaía sobre a cidade, apedreja o “inimigo dos deuses”. Conquanto o evento catártico traga momentaneamente paz à comunidade, o assassinato do pobre mendigo não o torna divino – ao contrário do que acontece nos mitos antigos. A vítima que é odiada e posteriormente divinizada é um produto dos mitos fundadores. A demonização do mendigo, por isso, é resultado de um processo tardio, pois é Apolônio quem recebe – sob os auspícios de Hércules – toda fama às custas da vítima inocente, tomada por culpada de todos os males da comunidade.

É devido ao seu poder catártico que o mecanismo vitimário é considerado por Girard o fenômeno fundador do sagrado primitivo. Essa ideia é desenvolvida no segundo e terceiro capítulo, *Mitologia e Sacrifício*, em que Girard demonstra como o mecanismo vitimário está presente – às vezes de forma oculta, porém ainda assim apreensível – em toda mitologia:

Los pueblos no inventan a sus dioses: divinizan a sus víctimas. Lo que impide a los investigadores descubrir esta verdad es su negativa a leer entre líneas y captar la violencia real en los textos que la describen. El rechazo de lo real es el dogma número uno de nuestro tiempo. Es la prolongación y perpetuación de la ilusión mítica original.⁴

Segundo Girard, o sacrifício, enquanto ato canalizador da violência, funciona como regulador dos conflitos no seio das comunidades, evitando a propagação desenfreada de vingança e violência. Entretanto, enquanto os primeiros sacrifícios remontam originalmente a vítimas humanas, elas foram progressivamente substituídas por animais, o que não significa, é claro, que em crises agudas os sacrifícios humanos não fossem retomados.

No capítulo VII, *O Assassínio Fundador*, Girard esclarece que o assassinio coletivo não é apenas mítico, senão também bíblico. A Bíblia fornece uma interpretação da fundação sangrenta da cultura humana, retratada no assassinato de Abel, cometido por seu irmão, Caim. Pois uma vez que o assassinato conduz a um ciclo de violência desencadeada, Deus promulga a primeira lei contra o homicídio: “se alguém matar a Caim, este será vingado por sete vezes” (Gênesis 4, 15). Esta primeira lei, que na verdade é a reedição do antigo assassinato, constitui a base da cultura Cainita: “cada vez que se cometa um novo assassinato, se imolarão sete vítimas em honra da vítima inicial, Abel.”⁵ Entretanto, ao invés de ser uma repetição vingadora, que suscitaria novas vinganças, esse assassinato é um ato sacrificial, ritual, levado a cabo pela comunidade de forma unânime.

Dessa forma, no capítulo VIII, *Potestades e Principados*, Girard afirma que o mecanismo vitimário, enquanto fundador das culturas humanas, é, também ele, fundador dos Estados soberanos, pois estes, mediante o monopólio da violência, racionalizam o mecanismo vitimário. Com os principados não seria diferente: o culto ao imperador é a repetição do antigo esquema do assassinio fundador.

Na terceira parte da obra, René Girard nos fala sobre o *Triunfo da Cruz*. Para ele, os mitos são todos falazes, pois escamoteiam a violência do assassinato coletivo e a todo custo justificam esta violência. Os evangelhos, por seu turno, revelam aquilo que há de mais peculiar na gênese da cultura humana: a injustiça do mecanismo vitimário. Não por outra razão, a moderna preocupação pelas vítimas é, para Girard, consequência direta da revelação evangélica.

Assim, no capítulo IX, que trata sobre a *Singularidade da Bíblia*, René Girard demonstra como aquilo que há de comum nos mitos, isto é, a crise mimética, a morte da vítima pela coletividade e a epifania religiosa, não está presente na Bíblia Hebraica. Falta, nesta última, a epifania religiosa, compreendida como transcendência divina da vítima, que ocorre nos mitos por meio da ressuscitação. Não há, no relato Bíblico, Deus vitimizado ou vítima divinizada. Girard também demonstra as diferenças entre o relato bíblico e o relato mítico mediante a comparação entre as histórias de Édipo e José. Ambos são vítimas de expulsões coletivas iniciais, crescem em terras estrangeiras, decifram sonhos/enigmas e, ao fim, triunfam. Todavia, no mito, o triunfo do rei Édipo é momentâneo, pois ele mais uma vez é expulso, agora para purificar a comunidade de Tebas, arrasada pela peste enviada por Apolo. Por seu turno, no relato bíblico, José administra muito bem a crise no Egito e, ao final, perdoa seus irmãos, os quais haviam expulsado-o injustificadamente. Não se trata, nesse caso, como nos diz Girard, de um mero “final feliz”. Trata-se, pelo contrário, de um relato que explicita a violência das expulsões coletivas e, por fim, consagra José diante dessa violência. Enquanto o relato mítico justifica as expulsões, o relato bíblico não as tolera: a expulsão é sempre injustificável. No mito, os perseguidores sempre tem razão, na Bíblia, nunca. Na revelação bíblica, pela primeira vez na história, o divino deixa de ser vitimizado e por isso ele e a violência são absolutamente separados. O monoteísmo é, ao mesmo tempo, causa e efeito dessa revolução.

No capítulo X, que trata sobre a *Singularidade dos Evangelhos*, Girard demonstra como aquilo que é explicitado nos mitos e negado no relato bíblico – isto é, a divinização da vítima – é retomado nos evangelhos: o vitimário e o divino unem-se, uma vez mais. A crise, a violência unânime e ressurreição estão presentes nos Evangelhos assim como nos mitos. Entretanto, entre a Bíblia judaica e as Escrituras judaico-cristãs há uma continuidade substancial. Jesus é inocente, culpados são aqueles que o perseguem. Por detrás da divindade de Cristo não há demonização prévia, e por isso ela não pode basear-se no mesmo processo dos mitos. Diferentemente do que ocorre nestes, quem considera Jesus filho de Deus não é a multidão unânime de perseguidores, senão um pequeno grupo de dissidentes que se separa da comunidade e, exatamente o isso, destroem sua unanimidade. Nos mitos não há grupo que se separe da comunidade, pois é a unanimidade dos perseguidores que diviniza a vítima. Logo, para Girard, a estrutura da revelação cristã é única.

A elaboração dos mitos descansa em uma ignorância, em um *inconsciente persecutório*. Os perseguidores pensam que atuam pela verdade e justiça no intuito de salvar a comunidade. Este apaixonamento mimético, o qual possui toda a comunidade e que gera uma verdadeira ilusão persecutória, é revelado pelo próprio Jesus, na célebre frase: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (23, 34). Nos evangelhos, pela primeira vez na história, a narrativa não é contada desde a visão dos perseguidores, senão o inverso. Jesus, a vítima da perseguição, é inocente e sua morte é injustificável. Da mesma forma, enquanto nos mitos a ressurreição da vítima é falsa, arraigada na violência dos homens, a ressurreição evangélica é única, pois tem sua origem no próprio Deus. O que diferencia a ressurreição evangélica da ressurreição mítica é sua capacidade de revelação, pois o drama e a temática que precedem a ambas são muito similares.

No Capítulo XI, *O Trinfo da Cruz*, Girard demonstra como Satã, por meio da crucificação de Jesus, pôs em marcha, sem nenhuma suspeita, o processo de sua própria destruição: “*La Cruz ha transformado de verdad el mundo y su fuerza puede interpretarse sin recurrir a la fe religiosa. Es perfectamente posible dar un sentido al triunfo de la Cruz sin salirse de un contexto puramente racional.*”⁶ Definitivamente, Satã é enganado pela Cruz, pois ao desencadear o mecanismo vitimário contra Jesus, pretendia proteger seu reino, sem saber que fazia verdadeiramente o contrário. Todo o processo que se iniciava pelo conflito, que passava pelo escândalo e que se resolvia com o mecanismo vitimário, ou seja, tudo o que fazia de Satã o príncipe deste mundo, é revelado e destruído pela Cruz. Trata-se, em definitivo, do triunfo de Deus sobre Satã.

No capítulo XII, intitulado *O Bode Expiatório*, Girard afirma que a sociedade moderna ainda é prisioneira do mecanismo vitimário. Entretanto, devido à influência Judaica e Cristã, o fenômeno dos bodes expiatórios só acontece de forma furtiva, clandestina: continuamos perseguidores, mas perseguidores vergonhosos. O saber acerca do fenômeno do bode expiatório é, em nossa sociedade, imensamente superior do que o das sociedades anteriores. Porém, apesar de todo progresso, somos mestres em identificar o bode expiatório dos outros, mas incapazes de identificar os nossos próprios. Acreditamos ter, unicamente, inimigos legítimos, objetivamente culpáveis.

De qualquer forma, a revelação Cristã desencadeou na sociedade ocidental aquilo que Girard denomina, no capítulo XIII, de *Moderna Preocupação pelas Vítimas*. Nunca antes uma sociedade preocupou-se tão intensamente com a proteção de vítimas como a atual. Preocupação esta que cada vez mais expande-se por todo o planeta: abolimos a escravidão e protegemos as crianças, as mulheres, os idosos, os estrangeiros e os deficientes; lutamos contra a pobreza, miséria e subdesenvolvimento. Mas o que talvez represente de forma mais fidedigna toda essa preocupação pelas vítimas é a ideia de Direito Humanos, entendida como a compreensão de que um dado indivíduo ou grupo de indivíduos pode converter-se em bodes expiatórios de sua própria comunidade. Fazer uso dos Direitos Humanos é esforçar-se para limitar e prevenir os apaixonamentos miméticos incontroláveis. A vítima se assume, portanto, como questão central nos debates atuais. Preocupamo-nos

sempre em identificar quem é a vítima e quem é o agressor. No caso do aborto, por exemplo, a questão é saber quem merece nossas lamentações. Ou bem nos inclinamos para o sofrimento da mãe, ou nos solidarizamos com a morte do feto. De qualquer sorte, é em torno da ideia de vítima que os argumentos são pautados.

No último capítulo (XIV), Girard trata do que ele denominou de *A Dupla Herança de Nietzsche*. Para o autor, Nietzsche foi o primeiro pensador a reconhecer a natureza vitimária do cristianismo (isso seria sua primeira herança). Porém, ao contrário de enxergar nisso uma virtude, como o faz Girard, Nietzsche concentra seus esforços em desacreditar a tomada de posição em favor das vítimas. Para ele, a preocupação pelas vítimas estaria ligada à posição social dos primeiros cristãos, que, pertencentes a classes inferiores, criaram sua doutrina com base no ressentimento contra a aristocracia, formando o que Nietzsche denomina “Moral dos Escravos”. Ao defender o sacrifício em favor da espécie, Nietzsche critica o caráter antisacrificial do cristianismo. Para Girard, a defesa Nietzscheana do sacrifício eugênico, cominada com suas catilinárias em desfavor das vítimas, foi decisiva para a formação da base do pensamento nacional-socialista (essa seria sua segunda herança). É por isso que, para Girard, enterrar a “*moderna preocupación por las víctimas bajo innumerables cadáveres era lá manera nacionalsocialista de ser nietzscheano.*”⁷⁷ Passada a Segunda Guerra Mundial e malgrados os esforços de Hitler, a preocupação com as vítimas está hoje mais forte do que nunca. A globalização e a Universalização dos Direitos Humanos são reflexos diretos dessa preocupação, intensamente reforçado pelo desejo planetário de não repetir os episódios vivenciados durante o nacional-socialismo.

Por outro lado, o cristianismo toma o lugar de vítima preferencial (anteriormente pertencente ao judaísmo) no sistema do “bode expiatório”, e agora passa a ser fortemente combatido por movimentos “anticristãos”. Tais movimentos radicalizam a preocupação com a vítima e, ao prometerem uma era de paz e tolerância, ressuscitam costumes pagãos como o aborto, a eutanásia, a indiferenciação sexual e os jogos eletrônicos em que se simula a violência real. Nesse cenário a observância da moral cristã passou a ser vista como cumplicidade com as forças persecutórias. Vivemos, portanto, sob a égide de um novo paganismo baseado na satisfação ilimitada dos desejos humanos e na ideia de que a lei moral nada mais é do que um instrumento de repressão social.

Em suas conclusões, Girard credita ao evangelho o desvelamento da enfermidade mimética presente nas sociedades arcaicas. Enfermidade esta que, por se espalhar na comunidade como uma epidemia, tem, como única cura, o sacrifício ritual do bode expiatório, tomado por força da violência coletiva unânime. A violência do *todos contra um mimético*, caracterizado pela expulsão de Satã por Satã, é, a rigor, um mecanismo de pacificação falaz e injusto, pois a paz prometida é apenas temporária e produzida à custa de um inocente. Quando outra vez a comunidade vier a envenenar-se por seu próprio ódio, quando outra vez o ciclo espiral de violência e vingança tomar toda a comunidade, uma vez mais, Satã expulsará Satã, e o sangue da morte dos inocentes devolverá a falsa paz social, contada pela falsa visão persecutória. E assim era porque os antigos participavam de uma farsa da qual não podiam se livrar. Credo sinceramente na culpabilidade dos bodes expiatórios, exerciam contra estes a violência coletiva acumulada pelos conflitos miméticos, sem dar-se conta do processo ilusório que levava a este desfecho. E assim foi por muitos séculos, já que é impossível para quem toma parte no ciclo de violência perceber sua posição. Satã foi, antes das revelações bíblicas, o senhor absoluto deste mundo. Sua violência, porém, depende acima de tudo de sua unanimidade. É ela que, movida pela mentira, compõem a base que une a comunidade contra o bode expiatório. E é por isso que a eficácia do mecanismo vitimário instaurado contra Jesus dependia de sua unanimidade. No evangelho, o suplício de Jesus é unânime e não unânime ao mesmo tempo. Ao contrário dos mitos da antiguidade, Jesus, tomado como bode expiatório, tem em torno de si um grupo de seguidores que atestam e confiam em sua inocência. Este grupo, porém, não tem força para opor-se à incontrolável violência da multidão e, por isso mesmo, acaba por tomar parte no apaixonamento mimético contra Jesus. Não obstante, os discípulos foram vítimas e autores do

processo vitimário, experienciaram a perseguição em sua totalidade, e por isso puderam testemunhar de forma completa o ciclo da violência mimética.

Logo, a reabilitação das vítimas, cujo ápice é a ressurreição de Cristo, muito mais do que a representação da transgressão das leis da natureza, é, segundo Girard “*o signo espetacular da entrada em cena, em escala mundial, de uma força superior ao dos apaixonamentos miméticos.*”⁸ A não unanimidade do suplício de Jesus é herança do testemunho dos seus discípulos que escreveram e disseminaram a sua inocência, de modo que a história de sua morte, ocorrida nos confins do império romano, disseminou-se pelo mundo ocidental e transformou toda nossa cultura. Hoje, após as revelações contidas na paixão de Cristo, Satã não é mais o senhor deste mundo, pois já não é mais capaz de expulsar a si próprio. As trevas não mais ocultam a inocência das vítimas e não é possível purificar a comunidade com o uso da violência. O mecanismo do *príncipe deste mundo*, o mecanismo fundador da cultura humana, é agora destituído de toda a legitimidade que outrora o constituía. O derramamento de sangue de vítimas inocentes não é mais tolerado e só pode ocorrer de forma sub-reptícia, oculta e vergonhosa.

Referências

GIRARD, René. *Vejo a Satanás cair como el relámpago*. Tradução de Francisco Díez del Corral. Barcelona: Editorial Anagrama, 2002.

Notas

¹ GIRARD, René. *Vejo a Satanás cair como el relámpago*. 1. ed. Tradução: Francisco Díez del Corral. Barcelona: Editorial Anagrama, 2002.

² Ibidem, p. 26.

³ Ibidem, p. 57.

⁴ Ibidem, p. 99.

⁵ Ibidem, p.117.

⁶ Ibidem, p. 184.

⁷ Ibidem, p. 227.

⁸ Ibidem, p. 244.